

Teoria da História

Prof. Daniel Faria (krmazov@hotmail.com)

Ementa: A história do conceito de história. Fundamentos epistêmicos e pragmáticos do conhecimento histórico. Causalidade e explicação históricas. A linguagem historiográfica e o problema da representação. Objetividade e partidarismo na prática historiográfica. Correntes da historiografia contemporânea e os seus pressupostos teóricos. Culturas históricas e formas não-acadêmicas de historiografia.

Apresentação:

Pode-se dizer que a Teoria da História se subdivide em duas temáticas básicas: o estatuto do conhecimento histórico e as formas de historicidade, no sentido das condições e modalidades das experiências históricas. Essas duas temáticas não são rigidamente separadas, uma vez que o conhecimento histórico é marcado, ele mesmo, pela história vivida. Nesse sentido, a proposta desse curso é, a partir de alguns eixos temáticos, propor uma reflexão sobre as possibilidades e os limites da história no começo do século XXI. Os eixos serão divididos em três unidades: Unidade 01, Textos clássicos do século XX, onde discutiremos alguns textos que nortearam e ainda norteiam a historiografia no século XXI; Unidade 02, questões contemporâneas, onde discutiremos temas da atualidade que modificam as formas de teorização da História; Unidade 03, pensar o Brasil, onde vamos propor, a partir de algumas leituras clássicas e outras mais recentes, formas de teorização sobre a história do país.

Avaliações

Teremos, ao longo do curso, três avaliações escritas, ao fim de cada unidade. Cada uma valendo 3,0 pontos. Em todas as aulas, os alunos entregarão, no segundo horário, uma questão, dúvida, crítica ou comentário por escrito sobre o texto então discutido. Quem entregar todas as questões terá automaticamente 1,0 ponto, para os demais a pontuação seguirá a regra da proporcionalidade.

Textos disponíveis aqui:

<https://www.dropbox.com/scl/fo/mjcy9wd03y2lgmte496ya/h?dl=0&rlkey=g43pxu5iurdzik82k4rqca61v>

Unidade 01. Textos clássicos do século XX.

11/11 KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: _____. Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

Textos complementares:

Arendt, Hannah. "O conceito de história: antigo e moderno". *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. 5ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.

Simon, Zoltan. *History in times of unprecedented changes. A theory for the 21st century*. London: Bloomsberg, 2019.

18/11 Não temos aula, devido ao Simpósio Nacional do SNHH na UNIFESP, em São Paulo.

25/11 SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf

Textos complementares:

Mohanty, Chandra. "Bajo los ojos del ocidente". MEZZADRA, Sandro; SRIVAK, Gayatri e outros. *Estudios postcoloniales: ensayos fundamentales*. Madrid: Traficantes de sueños, 2008.

Davis, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

SMITH, Bonnie G. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru: EDUSC, 2003.

02/12 WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: _____. *Trópicos do discurso*. São Paulo: EDUSP, 1994.

Textos complementares:

Jablonka, Ivan. *A história é uma literatura contemporânea. Manifesto pelas ciências sociais*. Brasília: EdUnB, 2020.

STAROBINSKI, Jean. "A literatura: O texto e o seu intérprete", em: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, pp. 132 a 143.

09/12 Trouillot, Michel-Rolph. *Silenciando o passado. Poder e a produção da história*. Curitiba: Huya, 2016. Capítulo 3: "Uma história impensável. Revolução haitiana como não-acontecimento". **Entrega da questão da primeira avaliação.**

Textos complementares:

Do mesmo livro, capítulo 01: "O poder na história" - **leitura fortemente recomendada.**

James, C. R. L. **Os jacobinos negros**. São Paulo: Boitempo, 2010.

Buck-Morss, Susan. *Hegel e o Haiti*. São Paulo: n-1 Edições, 2011.

16/12 Não temos aula. ANPUH-DF.

Unidade 02. Questões contemporâneas

23/12 PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na Teoria da História. **Tempo e Argumento**. v. 10, n. 24, p. 88 - 114, abr./jun. 2018. DOI: 10.5965/2175180310242018088 Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/2175180310242018088/8521>

Textos complementares:

Quijano, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

Grosfoguel, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016

06/01 SETH, Sanjay. Razão ou raciocínio? Clio ou Shiva? História da historiografia. Ouro Preto, n. 11, p. 173-189, 2013.

Textos complementares:

CHAKRABARTY, Dipesh. *Al margen de Europa*. Editorial: Tusquets Editores, 2008.

SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos e outros. “Historiografias periféricas em perspectiva global”

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21862017000100161&script=sci_abstract&tlng=pt

13/01 Enzo Traverso. “O marxismo e o ocidente”, in: *Melancolia de esquerda*. Marxismo, história e memória. Belo Horizonte: Ayiné: 2018.

Tible, Jean. *Marx selvagem*. São Paulo: Annablume, 2013.

Balibar, Etienne. *A filosofia de Marx*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

20/01 Chakrabarty “O clima da história: quatro teses”, in: *Sopro 91*, p. 5-22. e Domanska, Ewa. A necessidade de uma vanguarda historiográfica. <https://hmagazine.com.br/a-necessidade-de-uma-vanguarda-historiografica-uma-entrevista-com-ewa-domanska/> **Entrega da questão da segunda avaliação.**

Textos complementares:

Nance, Susan (ed.). *The historical animal*. Syracuse University Press, 2015.
Davis, Mike. *Ecologia do medo*. São Paulo: Record, 2001.

Unidade 03. Pensar o Brasil

27/01 Bresciani, Maria Stella. “Identidades inconclusas no Brasil do século XX. Fundamentos de um lugar-comum” (arquivo “Stella Bresciani” no Dropbox).

Textos complementares:

HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Morte e Progresso. Cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

PECAUT, Daniel. *Intelectuais e política no Brasil. Entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

03/02 Freyre, Gilberto. Cap 1. Casa Grande e Senzala; e Alex Ratts *Eu sou Atlântica*. Beatriz Nascimento. “Nossa democracia racial”

Textos complementares:

Gonzales, Lelia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2019.

Siqueira, Carlos Henrique. “Uma genealogia da democracia racial”, em: Palamartchuk, Paula (org.). *Política, cultura e memória: (des)caminhos na história social contemporânea*. Maceió: Edufal, 2019.

10/02 Ettore Finazzi-Agro, “A origem em ausência: a figuração do índio na cultura brasileira”.
Entrega das questões da terceira avaliação. A ser entregue até 19/02.

Textos complementares:

ROSA, Guimarães. “Meu tio o iauaretê”. IN: *Estas estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.191-235.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1973.

17/02 Kopenawa, Davi; Albert, Bruce. *A queda do céu*. (“Devir outro”, item 1; “A fumaça do metal”, itens 9, 15; “A queda do céu”, itens 17; 22; “Palavras de Omama”)

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. 2002. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.

LEONARDI, Victor. *Entre árvores e esquecimentos. A modernidade e os povos indígenas no Brasil. História social dos sertões*. Brasília: EdUnB, 2016.

Bibliografia (básica e geral)

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Nova edição aumentada, tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- _____. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARENDETT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. 5ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BANN, Stephen. *As Invenções da História*. São Paulo: UNESP, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica. Arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERMAN, MARSHALL. *TUDO QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1988.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. In: *Escritos sobre a História*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, Marcia(orgs). *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editoria da Unicamp, 2001.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O Charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre interpretes do Brasil*. São Paulo, Editora da Unesp 2005.
- BUCK-MORSS, Susan. *Hegel, Haiti, and universal history*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2009.
- BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*. São Paulo,UNESP, 1992.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- _____. *História e psicanálise. Entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FINAZZI-AGRO, Ettore. *Entretempos. Mapeando a história da cultura brasileira*. São Paulo: UNESP, 2013.
- FLUSSER, Vilém. *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- _____. *Língua e realidade*. 3ª ed., São Paulo: Annablume, 2007. Publicado originalmente em 1963.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, esquecer, escrever*. São Paulo: 34, 2006.

- GAY, Peter. *O Estilo na História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GONZALES, Lelia. *Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926. Vivendo no limite do tempo*. Tradução de Luciano Trigo. São Paulo: Record, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HARDMAN, Francisco Foot. “Algumas fantasias de Brasil: o modernismo paulista e a nova naturalidade da nação”, em: Edgar DeDecca e Ría Lemaire (orgs.). *Pelas margens. Outros caminhos da história e da literatura*. Campinas/Porto Alegre: Ed Unicamp/ Ed. UFRGS, 2000, p. 317-332.
- HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Morte e Progresso. Cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo*. Tradução portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JULIA, Dominique e BOUTIER, Jean (orgs.). *Passados Recompostos : campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: URFJ, 1990.
- KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Contraponto, 2014.
- _____. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução portuguesa. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LACERDA, Sonia. “História, narrativa e imaginação histórica”, in: Tânia Swain (org.). *História no plural*. Brasília: EdUnB, 1994, p. 13-42.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução portuguesa. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.
- MICELI, SÉRGIO. *INTELECTUAIS À BRASILEIRA*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2001.
- MORAES, EDUARDO JARDIM DE. *BRASILIDADE MODERNISTA. SUA DIMENSÃO FILOSÓFICA*. RIO DE JANEIRO: GRAAL, 1978.
- MUNANGA, Kabengele (org.). *História do negro no Brasil*. Fundação Cultural Palmares: Brasília, 2004.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Orí*, Rio de Janeiro, 1989.
<https://www.youtube.com/watch?v=DBxLx8D99b4>
- NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

- PECAUT, Daniel. *Intelectuais e política no Brasil. Entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história*. Um ensaio de poética do saber. Tradução portuguesa. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- REVEL, Jacques. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RICOEUR, Paul, *Tempo e Narrativa*, Campinas, Papyrus, 1994.
- RÜSEN, Jörn. *História viva: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: EdUnB, 2007.
- _____. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: EdUnB, 2001.
- _____. *Reconstrução do passado: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: EdUnB, 2007.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo : Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SAHLINS, Marshall. "Cosmologias do Capitalismo: O Setor Trans-Pacífico do Sistema Mundial". In: *Anais da XVI Reunião Brasileira de Antropologia*. Campinas, SP, pp. 47-106, 1988.
- _____. *História e cultura: apologias a Tucídides*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011. (Coleção Grandes Temas; 14).
- SANTIAGO, SILVIANO. *O COSMOPOLITISMO DO POBRE: CRÍTICA LITERÁRIA E CRÍTICA CULTURAL*. BELO HORIZONTE: EDUFMG, 2004.
- _____. *UMA LITERATURA NOS TRÓPICOS: ENSAIOS SOBRE DEPENDÊNCIA CULTURAL*. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 1978.
- SCOTT, Joan. *Gênero e historia*. Ciudad de Mexico: FCE, 2008.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.
- SKINNER, Quentin. *Visões da política. Sobre os métodos históricos*. Lisboa: DIFEL, 2005.
- SMITH, Bonnie G. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru: EDUSC, 2003.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance. Uma ideologia estética e sua história*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

VENTURA, ROBERTO, “ESTILO TROPICAL: A NATUREZA COMO PÁTRIA”, IN: *REMATE DE MALES*, CAMPINAS, (7), 1987, p. 27-38.
_____. *ESTILO TROPICAL: HISTÓRIA CULTURAL E POLÊMICAS LITERÁRIAS*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1991.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

WHITE, Hayden. *Ficción histórica, história ficcional y realidad histórica*”. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

_____. *Meta-História*, São Paulo, EDUSP, 1992.

_____. *Trópicos do Discurso*, São Paulo, EDUSP, 1994.

Aula Koselleck

Tese: é possível definir algo como o que seria próprio ao tempo histórico.

Destacar a importância da noção de tempo na definição de história – Bloch. Essa definição passa pelas categorias META-HISTÓRICAS de espaço de experiência e horizonte de expectativa.

E formais.

Para ser científica a história precisa dessas categorias que definam o que ela estuda. Não é o tempo biológico ou natural.

No caso das categorias ele vai diferenciar dos conceitos que surgiram historicamente. Elas são condições de possibilidade. **Exemplos: feudalismo. Minha pesquisa sobre o fascismo.**

Conceitos importantes: espaço de experiência, espaço e experiência. Experiência não é só o vivido, é o vivido lembrado formas de comportamento. Espaço porque remete a uma totalidade que pode ser delimitada. **O passado atual.**

E horizonte de expectativa. Horizonte que se move quando caminhamos. **O futuro do presente.**

São categorias antropológicas correlatas às de passado e futuro. E ele vai falar muito sobre as formas como elas se relacionam. Por exemplo dirigindo ações concretas no social e político. Ou no prognóstico.

Conceito moderno de história: existe uma história do tempo histórico, segundo aquelas categorias. A história exemplar. O século XVIII, conceitos de revolução, progresso. A História como singular coletiva, como um todo, a “história geral”.

Nesse conceito moderno de história abre-se o futuro. As experiências não mais orientam as expectativas. A história sugre como ciência que estuda como as coisas humanas mudam.

Esse conceito corresponde a uma experiência social. A aceleração (meios de transporte, comunicação etc.) que vão abrir com outras experiências a noção de não-contemporâneo do contemporâneo (ele cita também entre outras coisas o colonialismo, vivendo em diferentes fases do desenvolvimento, p. 317.).

E também o exemplo que ele dá da política. de Aristóteles e as formas que se alternavam à abertura de conceitos novos para políticas desconhecidas.

A temporalização da utopia.

Questões: ele diz na pg 306 que não vai historiar a própria posição.

universalismo. P. 308 condição humana universal.

E o fim do conceito moderno. Zoltan Simon.

E no final ele aponta pra um caminho de pesquisa, pensar o que estrutura a história para além dessas categorias do tempo histórico. Parece ser o que ele procurou no estratos do tempo.

Aula White

1. Questões gerais: a noção de repertório cultural/formas narrativas. História das ideias. Teoria. Filosofia da história. **No texto diz que o papel dessa teoria, ou meta-história é se perguntar SOBRE coisas que na prática não se pergunta normalmente.**
2. Questão da história científica: existe uma lacuna entre passado/presente. Ou seja: é no interior de uma concepção filosófica de tempo. É sobre um passado inacessível.
3. Uma chave pra entender pq ele pensa que não há aquela verdade em hist.. o existencialismo (questão da escolha, do evento) e o marxismo (questão da estrutura). Que depois reaparece no tema estruturalismo/pós-estruturalismo (linguística e antropologia).
4. O familiar o estranho. Modernismo literário. Ideia da história: calma, por mais atroz que seja o que vou te contar, há uma explicação razoável pra isso.

Hayden White. *The fiction of narrative. Essays on History, Literature and Theory. 1857-2007.* Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2010.

The politics of contemporary philosophy of history, p. 136-152.

p. 137 diz que a profissão historiadora gosta de pensar sobre si mesma como uma guilda, seria melhor considerar uma tribo. Historiadores novatos não podem pensar realisticamente em tomar a profissão de assalto, como fazem artistas. A formação de um historiador não é exatamente pelo acúmulo de informações, mas sim o aprendizado de costumes, hábitos, atitudes. Uma espécie de “segunda natureza” que cria restrições aos tipos de perguntas que

um historiador pode formular e como, e também sobre que tipo de respostas seriam consideradas anômalas. É mais isso que regras para distinguir o verdadeiro do falso. Não é tanto uma disciplina que procura formular novas perguntas e sim que procura fazer as mesmas perguntas a novos corpus de materiais. A formação também passa mais pela exposição a modelos clássicos do que a uma discussão sobre procedimentos. A história não se faz do mesmo modo que a ciência.

p. 145 diz que sob toda discussão o ponto básico parece ser: distinguir se ao fazer seu esforço de contar o que realmente aconteceu, o historiador está de fato tentando fazer outra coisa (que iria contra as limitações do modelo hempeliano ou Danto): mudar o modo como a audiência pensa sobre a natureza humana, sociedade ou o processo de mudança na história.

Ou seja: uma escrita da história que não faça nada além do permitido pelo senso comum do grupo.

A condenação de Marx, por exemplo, é menos por ele estar errado do que porque sua terminologia conduz ao erro social (isto é, rebelião).

sobre o texto

Tese: a parte mais importante de um texto histórico é sua elaboração poética, não só em termos estéticos, mas também morais e políticos. (e não a documentação, ou o compreender/explicar)

conceitos e temas:

ficção: que ele não explica muito. Ficção pode ser o fabricado, o artifício. Mas tem o sentido da ficção literária e sua relação com o imaginário. Ankersmit diz que aqui ele mesmo faz essa confusão que levou a certas leituras.

Narrativa, mito (arquétipo”, estrutura), enredo: trama e tempo. configuração de como o tempo se desenrola. como no caso do cômico e do trágico.

atenção ele não diz que a realidade não existe naquele exemplo a b c d e cada letra é um enunciado factual, a questão é como eles são arranjados.

Mas se segue disso que somos livres e dar significados ao passado. E aí a discussão sobre o holocausto. Existe um modo apropriado? Qdo ele diz que nenhum acontecimento é intrinsecamente trágico.

E a questão da “mera crônica”. Aconteceu isso e depois e depois isso e depois isso. Mas mesmo aí já tem uma seleção.

Exemplo:

Em 1807, Napoleão Bonaparte decidiu invadir Portugal.
JK estava de terno na cerimônia de inauguração de Brasília.
Adolf Hitler era um pintor, tinha preferência por obras de arte acadêmicas.
Vindouque é a capital da Namíbia
Dom Pedro II gostava de ler livros, nos momentos de retiro.
Madonna, a cantora, nasceu em 16 de agosto de 1958.
Getúlio Vargas se matou com um tiro no coração.
O Big Brother Brasil teve na sua vigésima segunda edição.
Bolsonaro disse que é imbrochável, incomível e imorrível.

A história ensina o leitor a produzir um ícone: uma imagem que corresponde ao que seria o passado. *Interessante observar que Ginzburg enfatiza o signo, o indiciário. O símbolo não opera pela semelhança física, como o ícone, mas com o significado (é abstrato).* Diz ainda que a narrativa é uma “metáfora estendida”.

Figuras, tropos: descrição da realidade, interpretação, pensar e dizer como o mundo é. o pressuposto aqui é de a escrita da história é uma atividade poética. não é o discurso literal. na poesia você não define as coisas, você cria uma imagem que seja correlata a elas. podemos: uma forma de pensamento.

metáfora: uma coisa pela outra a partir das semelhanças de significado, o rei sol. Nietzsche pensa metaforicamente: a história é movida pela vida como força plástica que inventa novos sentidos. A vida fraca inventa a moral e o ressentimento.

metonímia: de um contexto a outro pela contiguidade pela proximidade, a própria ideia da luta de classes.

sinédoque o todo pela parte Hitler invadiu a Polônia. A revolução francesa é encarnação do espírito francês. Diferente por exemplo de Tocqueville que mostra como uma teia de causas e efeitos, de ações no Antigo Regime levaram ao colapso.

não quer dizer que os textos usem muitas metáforas ou metonímias, mas nesses exemplos que eles pensam segundo a lógica da semelhança ou a lógica da contiguidade.

E tem o papel mais genérico da figuração: para ser conhecida, a história precisa primeiro ser *imaginada*.

Como a história “progride”. Não é a descoberta de novos fatos que vai compondo o conhecimento.

Para a prova

Dia 29/07.

1. Compare como Ginzburg e White discutem o papel da narrativa na construção do conhecimento histórico.
2. Koselleck considera suas categorias como universais. Existe uma tensão entre as categorias de Koselleck e as de Joan Scott; bem como entre suas formas de pensar o papel da teoria da história?
3. como esses textos de teoria que lemos até aqui fazem você pensar sobre suas práticas dentro da História?]

questão para a prova 2

Escolha uma dessas questões:

Os conceitos tradicionais de História indicam que a mesma tem uma pretensão universalista. Você considera que, apesar disso, pesa sobre a História uma herança eurocêntrica? Por exemplo, no que se refere às heranças do humanismo? Se não considera, explique porque. Se sim, como você pensa que poderíamos fazer para evitar a reprodução dessa herança em nossos trabalhos, seja de ensino ou pesquisa? (Para esta resposta você pode recorrer a quaisquer textos/fontes que considere interessantes, não somente os lidos no curso de Teoria).

Na mesma linha da primeira questão, do humanismo eurocêntrico, há na tradição historiográfica uma separação entre Natureza e Cultura. Nessa tradição, a História seria apenas o estudo da Cultura. Segundo textos que lemos nessa unidade, isso traria uma marca

antropocêntrica para a História. Você considera que isso precisa ser repensado? Por quê? Você pode usar outros textos, além dos que lemos no curso de Teoria da História.

Entregar até 03/02

Aula Chakrabarty Domanska

Domanska xingada.

natureza/humanidades

não só a relação mas a definição
do que é o humano. lembrando Bloch
e Ricoeur

colocar a linha natureza cultura.

A ideia da dominação da natureza. Como no trecho que ele cita de Stalin.

O que é humano em Chakra pela ideia de ciências humanas como compreensão, o humano tem intenções, motivos. O não-humano como meramente "exterior". Sem agência. (o que depois borra isso, é que os efeitos da mudança climática parecem estar

além de qualquer intenção, e mesmo de experiência, ele diz que não temos a experiência de pertencer a uma espécie, que isso é altamente abstrato). Me lembra também como a Svetlana fala sobre os efeitos da radiação, em termos de tempo, mas também invisibilidade).

Domanska situa Marx nessa visada antropocêntrica. Que teve seu papel anticolonial etc. ela propõe- um pós-humanismo.

noção de tempo, passado/presente/futuro

Zoltan

Chakra fala que o futuro está além da sensibilidade histórica. Que a história pressupõe a conexão entre passado, presente e futuro.

E outra: o contraste entre a fixidez da natureza e a velocidade da história humana.

Que precisa ser repensada nas duas vias: a natureza catastrófica, com o ponto de não retorno, e a ação humana profunda no tempo. Que faz com que a espécie se torne um agente geológico.

universalismo, depois do pós-colonial.

Chakra fala de uma necessidade de repensar a história da modernidade, depois do pós-colonial. Por exemplo, pensando num tempo profundo, da espécie humana. E mesmo além da espécie humana, pensar a espécie como uma forma de vida entre outras. Ao mesmo tempo sem negar a questão industrial e colonial. Mas pra ele vai além da história do capitalismo/imperialismo.

Ele fala de duas linhas paralelas, globalização e mudança climática. Que precisam ser conectadas. Indo contra hábitos institucionais.

Do global ao planetário, suas leituras em marxismo, pós-colonial etc não o prepararam para isso.

E uma questão política que ele coloca sobre a história da modernidade, o tema da liberdade que já comentei, a emancipação. Modernização, desenvolvimento, prosperidade. Movidas a combustível fóssil. A noção de antropoceno.

c Domanska

noção de sujeito histórico/ agência

Brian Massumi. Guimarães Rosa

Nela pela questão das agências não-humanas. E nele pela ideia da espécie como força geológica, que pra ele seria inédita. (vejo um antecessor na discussão sobre a bomba atômica).

Mas aqui a Domanska vai um pouco além de Chakra, porque ela considera as epistemologias indígenas como uma alternativa. Quase pensando numa historiografia "animista". Também difere de Seth. Ela fala mesmo em descolonizar o pós-colonial.

Talvez dar aqui os exemplos de Dyonélio e Baleia, mas ela vai além. Guimarães rosa.

E será mesmo que o capitalismo é desencantado? Ela pergunta.

um esgotamento da representação./ presença /
performatividade (ferramenta criativa, para além da crítica).
Domnaska dizendo que já passamos o pós-modernismo. A questão do construtivismo
em White, que teve sua importância.

novamente o tema da instituição acadêmica
não é que seja autoritária. pode ser ou não.
como funciona na prática, bancas, pareceres, referências etc.
estamos sempre negociando, é conflituoso.
pense nos Annales.

Slow science. Ela fala em pequenas utopias. E ética da virtude. (me lembrou a hermenêutica
do sujeito, a poética da existência).

Também numa prática mais voltada ao futuro, e não apenas a memórias e traumas.

E mudando as perguntas. E talvez indo mesmo além da história, para os conhecimentos do
passado.

Aula Gilberto Freyre

Lembrar é teoria: o conceito de Brasil. e uma leitura adequada porque o propósito do
livro é explicar o Brasil. situado no ocidente. Diante dos dilemas políticos do tempo, sobretudo
a democracia liberal. Podemos pensar no pós-abolição.

As estratégias narrativas. Mistura o pessoal, o íntimo. A coisa da nostalgia. Um Brasil
afetivo que ele guarda na memória. P. LXV.

O sentimento antimoderno, na p. LXXIV.

Mais arquivos, pesquisas. Importante observar o lance do sul dos Estados Unidos p. XLVI. Uma mesma imagem.

O uso de metáforas. Mais marcantes pra mim: amolecer e doce. Coloca o livro no horizonte do mito/imaginário. P. LII onde o adocicado aparece como contemporização, plasticidade, mas uma imposição imperialista da raça adiantada à atrasada. O mole é ambivalente, ele por exemplo chama os índios de molengos e incapazes para o trabalho. *Nota essa parece ser a explicação que ele dá pra escravidão.*

A p. 5 é particularmente impressionante.

O uso recorrente do “nós”, tomado como óbvio, mas podemos pensar.

A tese: civilização patriarcal. Ele fala na p. XLIX: uma minoria de brancos dominando patriarcais, polígamos, não só os escravos mas toda uma população de vassalos.

O tipo de colonização portuguesa (sempre pensada em torno do ato sexual entre colonizador e mulheres colonizadas). Ler a p. L. Onde entra o conceito de democratização. Na mesma página.

E mais democracia na p. 52. Prestar atenção nas imagens que ele associa à democracia.

Sem consciência de raça. Mais imagens como flexibilidade, fluidez. Instável. Mobilidade e miscibilidade. P. 9. O sucesso, o português venceu onde outros fracassaram.

Mesmo no clima hostil, p. 13.

Natureza idem p. 15.

Ver como ele codifica o lance do sadismo e correspondente masoquismo. Ele fal dum primeiro momento de frenesi sexual p. 21. Depois “codificado” como sado-masoquismo. P. 50-51.

O isolamento da casa grande permite uma aclimatação aos trópicos. A família como unidade básica. Importante porque aqui tem o papel da natureza tropical. Depois ele vai expandir no estudo do luso-tropicalismo. P. LIII. Ele fala de um sentido psicológico do senhor de engenho, esteio de uma estabilidade na colonização.

Tem lá suas críticas, à monocultura. A coisa da eugenia e o modo como ele descreve a população livre. P. 34.

Sobre raça, muito se fala que ele rompeu e usou o conceito de cultura. Mas é mais ambivalente. Porque é uma cultura hereditária. Tem a coisa da ambiguidade do branco. Ora é branco, ora não. pensar o uso estratégico do argumento da miscigenação. P. 48

Acho interessante os adjetivos sobre a abolição. Descalabro e depois precoce. P. 46.

Pensando já um pouco na beatriz nascimento, ele cita os quilombos sempre de passagem. P. 28.

Aula Beatriz Nascimento

pistemologia insubmissa feminista negra decolonial

- **Angela Figueiredo**

É preciso a imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar-se visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um o reflexo de todos os corpos. A invisibilidade está na raiz da perda da identidade; então, eu conto a minha experiência, e não ver Zumbi, que para mim era o herói. Beatriz Nascimento

foi a omissão do sujeito na produção do conhecimento, que “esqueceu” trabalhadores, mulheres, indígenas, afrodescendentes, e esses excluídos e excluídas estão, sobretudo, no conjunto de países e regiões submetidos ao colonialismo europeu (SANTOS, 2009).

Sabemos, contudo, que a indagação sobre a condição do sujeito na produção do conhecimento é um dos grandes aportes do feminismo à ciência (HARDING, 1987. Conhecimento situado é uma das contribuições de Donna Haraway (1995 à epistemologia, pois, a autora destaca que falamos sempre de um lugar nas relações sociais de poder. Enquanto Patrícia Hill Collins (1990) fala da teoria do ponto de vista, pois considera não apenas o gênero, mas também a raça na constituição do sujeito que produz conhecimento, neste caso, a autora coloca o ponto de vista das mulheres negras

Experiência é um conceito importante para o feminismo e para o feminismo negro. “O pessoal é político”, uma das importantes contribuições do feminismo revela o elo entre a experiência pessoal, individual e coletiva. De acordo com Collins (2000), a experiência é a base fundamental da epistemologia feminista negra

Outro conceito importante de Hill Collins (2016), mas somente utilizado em nossas análises muito recentemente, é o de outsider within . O exemplo emblemático utilizado pela autora é o da empregada doméstica, que na condição de outro , racializado e inferiorizado, convive e, portanto, compreende os códigos e as dinâmicas cotidianas da vida das famílias de classes médias e das elites brancas sem que seja parte dela

No referido texto, a autora afirma que “o lixo vai falar”, questionando não apenas o fato de os negros serem descritos e representados por outros no universo acadêmico, reivindicando um lugar de legitimidade e autoridade dado pela experiência, como também denuncia as representações submissas e sexualizadas das mulheres negras na cultura brasileira, reveladas através da figura da mãe-preta, da mulata e da empregada doméstica

**cOLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within : a significação sociológica do pensamento feminista negro
COLLINS, Patrícia Hill. O que é um nome?: mulherismo, feminismo negro e além disso**

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira
KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.

Natureza comparar com Freyre.

O fundamento do quilombo é a terra, o homem se identificando profundamente com a terra. Então, o Ebó é dado para a terra, todos os elementos vivos estão na terra e vão participar daquele banquete que é o Ebó. Quer dizer, vai ter ali vírus, vai ter ali micróbios, vai ter ali células que vão se decompor e se transformar em outras células... e esse é o princípio do „axé“, da força. (voz over de Beatriz Nascimento, transcrição do filme)

Democracia. comparar.

Cacá:

Assim, a democracia brasileira construída pela obra unificadora dos bandeirantes teria sido (...) um fenômeno histórico (a república de Piratininga), climático (somos um país tropical), bioétnico (mistura de raças), social (nenhum preconceito de classe, de credo e de origem), econômico (a hierarquização pelo próprio esforço) e psicológico (a bondade na sua acepção brasileira, tipicamente democrática). (Idem, p. XVIII) Ricardo advoga que esse é um tipo de democracia particular, “uma forma como o mundo jamais a praticou” (Idem, p. XVI). E completa: Nossa democracia é um fenômeno biológico, social, econômico, sentimental, que as influências demoliberais de outros países só conseguiram deformar. Quero dizer que, apesar da confusão reinante e propositada, o conceito de democracia no Brasil não pôde sofrer deturpação alguma. Por ser o caso de uma democracia tipicamente nossa. (Idem, p. XVIII)

Apesar das divergências de concepção da formação nacional, no entanto, foi fazendo menção à tese de Cassiano Ricardo que Freyre utilizou a expressão “democracia étnica” pela primeira vez em suas conferências na Universidade de Indiana, já mencionadas

Portanto, na genealogia que proponho, a expressão democracia racial está fundada, ao menos nos autores que citamos acima, em dois procedimentos: em primeiro lugar, na reiteração e reatualização de uma proposta de identidade nacional (que define o ser “brasileiro”), que reforça sua fixação e essencialização (o “brasileiro” como essencialmente “mestiço” e “democrata”), baseada numa determinada leitura da história do Brasil.⁸

Na juventude, Freyre conceberia a democracia liberal como uma ilusão, que disfarçava um grande perigo: a “mediocracia”, ou seja, o governo dos medíocres. Criticava os “daninhos ideais de ‘sufrágio universal’ e ‘instrução universal’”. Acreditava que a

“degeneração é inseparável da democracia” e ressaltava os benefícios da manutenção de uma massa de analfabetos, por um lado, e, de outro, de uma elite intelectual; além de sugerir o isolamento da alta cultura contra as tendências democratizantes (FREYRE, 1964b, p. 138-141).¹⁰

Portanto, na concepção de Freyre, essas sociedades mestiças teriam criado um único mundo “transnacional” lusitano, de tradições semelhantes, “orientados pelas mesmas aspirações democráticas”. Mas as diversas ressalvas que faz ao longo do texto não deixam dúvida: ele fala de um tipo muito particular de democracia: “democracia social, essencialmente humana, quero dizer; pouco me preocupa a democracia política”. Ou seja, democracia social não é mais que um aspecto da convivência, supostamente não obstruída nem pela lei, nem pelo Estado, nem pela religião, entre diferentes raças e estratos sociais.

Ôrí e as vozes e o olhar da diáspora

cartografia de emoções políticas

Autores · Gilberto Alexandre Sobrinho Universidade Estadual de Campinas <https://orcid.org/0000-0002-5083-384X>

ÔRÍ é um filme que participou da vida e da organização do movimento negro da década de 70. É fruto de encontro de duas pesquisas: cinematográfica (Raquel Gerber) e histórica (Beatriz Nascimento). Iniciando em 1977, centralizado em São Paulo, documenta outros estados e alguns países africanos, fixando nas variadas manifestações da afroamericanidade que brotaram naquele período. Mas ÔRÍ também é um épico, que ao revelar o herói civilizador Zumbi, organizador do Quilombo dos Palmares e sua democracia, reentroniza-o no presente como organizador da consciência negra e por isso vale-se do texto poético. Como tal passeia por múltiplas formas de rituais iniciáticos: os encontros universitários, congressos nacionais e internacionais, as Escolas de Samba, as religiões afro-brasileiras, as sessões de “soul music”, trazendo os anseios e os ritmos negros como continuadores da História dos povos africanos da Diáspora. Não é por menos que ÔRÍ, que em Iorubá significa “cabeça”, ao realçar o papel dos bantos na contribuição cosmogônica nagô dos orixás. Por fragmentos que correspondem a processos iniciáticos, se quer um filme reflexivo sobre as atuais condições do planeta: as relações do homem com o outro e consigo mesmo, com a nação e a natureza (Beatriz Nascimento, 10/11/89)

por uma história do homem negro, é de 1974

começa citando Debord, uma pista pro conceito de tempo espetacular versus história vivida.

O vivido individual da vida cotidiana separada permanece sem linguagem, sem conceito, sem acesso ao seu próprio passado. Ele não se comunica. Está incompreendido e esquecido em

proveito de falsa memória espetacular do não memorável. Guy Debord – A Sociedade do espetacular - Ed. Afrodite, Lisboa 1972.

propõe um outro conceito de História.

Como retomar o verdadeiro tempo da História aparentemente perdido a partir do mecanicismo e da Revolução Industrial nos séculos XVII e XVIII? Como viver a História do Homem preterida em favor do cientificismo, de um tecnicismo, que permanece justamente por fazer parte desta mesma História? Como fazer, como escrever a História sem se deixar escravizar pela abordagem da mesma, fragmentariamente? É possível reduzir-se a História do Homem, a História Total, a especializações? Reduzi-la a uma ciência puramente constativa do que aparentemente vivemos? É possível limitar a História a um tempo historicamente reduzido, ou seja, entendê-la somente como nos foi apresentada a partir do século XIX? Como mais uma ciência?

a questão do ESTEREÓTIPO

O humano, para além da fragmentação em aspectos como o social e o cultural.

como a mistificação “dessubjetiva”.

duas mistificações: o “branqueamento”, democracia racial. e o exotismo, o salvador do branco.

Um dos fatos que mais marcaram meu período escolar e minha formação posterior foi quando um professor de Geografia, discorrendo sobre a etnia brasileira baseando-se na teoria do lusotropicalismo de Gilberto Freire, disse: “O Rio de Janeiro era, no início do século, uma sociedade impossível de se viver, só tinha pretos”. Adiante, comparando a questão racial dos Estados Unidos com a do Brasil: “No Brasil não existe racismo, porque a miscigenação sempre existiu e continuará existindo, não vamos ter conflitos porque o negro tende a desaparecer”.

Acredito que ela faça parte da mais nova mistificação em termos de preconceito contra o negro. Os artistas, intelectuais e outros brancos, diante da crise do pensamento e da própria cultura do Ocidente, voltam-se para nós como se pudéssemos mais uma vez agüentar as suas frustrações históricas.

obrigação de viver a REPRESENTAÇÃO

? A história da raça negra ainda está por fazer, dentro de uma História do Brasil ainda a ser feita.

quando um branco quer retirar minha identidade física, único dado real da minha História viva no Brasil – só me resta o que está dentro de mim, só me resta assumir o meu complexo não resolvido. Resta-nos somente nosso inconsciente, que só através da História poderá ser compreendido e solucionado

Nossa democracia racial •

o espectro da miscigenação como desaparecimento. a democracia racial como dispositivo, estratégia.

A recente bibliografia sobre relações raciais no Brasil, basicamente a estrangeira, está permeada de exemplos como o que acabo de citar, exemplos nos quais se demonstra que a negação do preconceito racial, antes de constituir a reflexão consciente de nossa situação, traduz uma certa urgência de aliviar os possíveis conflitos decorrentes do confronto de poder entre as etnias que formam nossa sociedade.

conflito não manifesto

Mas é como conflito não manifesto que atualmente se encara o preconceito e a discriminação gritante nos terrenos da educação e do mercado de trabalho, perpetuando-se, enquanto isso, opções do tipo jogador de futebol e sambista, para aqueles que lutam por uma ascensão social

VER SE AQUI ENTRA ALGUMA COISA DO DOC RACISMO NEGRO

no Brasil uma frase que só o gênio de LéviStrauss poderia produzir: “A tolerância não é uma posição contemplativa dispensando indulgências ao que foi e ao que é, é uma atitude dinâmica, que consiste em prever, em compreender e em promover o que quer ser”. Portanto, resta começar a tolerar.

Aula Ettore

Passado/origem. Por onde começar-se a história do Brasil. origem sem fundamento. Os nativos não-nacionais. Pensar isso na lógica do Estado-nação. E o mito das origens segundo Bloch.

Presença/ausência. Base da “consciência nacional”, exterioridade. Aspecto do fantasma.

Ele fala de uma fronteira ancestral e recalcada. E de uma arqueologia do silêncio.

Mais pra frente aponta pra noção de genealogia em Foucault.

Começando pelo primeiro momento. A desmedida. O sertão (inferno, uma imagem que depois ele retoma do inferno verde, lugar mágico, mas de tentação). Tem uma geografia aí.

A inconstância da alma selvagem. Sem F L R. Nomadismo.

Outro conceito ambivalência.

Wilderness. Aniquilamento da identidade.

Ele vai falar em momentos distintos. O XVIII-XIX na procura de nativismo, mas sob vestes europeias. Ele não cita, mas por exemplo Alencar e Walter Scott.

Ou no XIX uma nacionalidade por ser feita. Resultado de um processo. Porque os indígenas não teriam qualquer noção de nacionalidade.

Ele fala de uma combinação entre mistificação ROMÂNTICA e discurso imperial.

Ele fala que no XX isso foi virado pelo avesso. No que eu não concordo. Ele está pensando no modernismo. Manifesto verde-amarelo, Macunaíma e antropofagia. Essa talvez mais destoante, porque realmente inverte. Mas talvez preserve o indígena como não-ser. "precursor do surrealismo e do comunismo". A questão do realismo mágico etc.

Passa por Macunaíma. O fato de ele desaparecer no final. Talvez uma notinha sobre o filme.

Depois pra meu tio o iauaretê. Que na minha leitura é diferente porque tematiza a violência e mesmo o genocídio. O narrador é uma espécie de sobrevivente, que opta por "abandonar" o mundo humano. Não tem nome etc.

E aqui abre pras histórias do horror. Euclides da Cunha, Alberto Rangel, a decana dos muros, ruína e relíquia p. 223 a mulher vegetal. Vão pensar o aspecto destruidor da modernidade e do progresso. Figurs marcantes do horror, como a velha carregando um bebê com metade do rosto desfigurado em Os Sertões ou a Mura em Inferno Verde. Esses textos, com seus limites que comentaremos, apontam para uma genealogia extremamente violenta.

Olhar exótico. E violência do hibridismo, o bom selvagem é o sacrificado. Como no manifesto verde-amarelo, mas também no Macunaíma. O que é o exotismo. E também o conceito de estereótipo. Ele mesmo usa o conceito de brasilidade. O sacrifício coletivo, a imagem do indígena como bode expiatório da nação.

Por isso ele faz toda a discussão sobre a morte como limite. Não experimentado. E a figura do matável, do estado de exceção. Essa eu acho uma chave interessante. A vida nua: zoe e bios. Aqui ela entra particularmente numa certa dimensão de testemunho em GR, porque o narrador é assassinado no final (pelo ouvinte/leitor).

Mas tem o perigo: porque a morte e não a vida é chave? Talvez ele esteja correto no que se refere ao cânone literário, ao modo como esse cânone trilhou seu caminho.

Estatuto político: tutela, não cidadania. Um grande cerco de paz. Colonialismo. Aqui talvez comentar os limites do texto. Ele fala em tradição extinta. E fica no horror etc. fala por exemplo na p. 202 “testemunhar o que não tem testemunho”, depois ele fala em remorso pelo genocídio e desejo de fundar a nação, “pré-história cultural da nação”. Uma falta que ama, citando Drummond.

será que isso é um dado da cultura ou uma questão de escuta?

Importante observar que a proposta do livro é mapear a cultura brasileira, a “figura” do indígena está em função disso. Ele fala em geral de uma nação fraturada, violenta, sem origem propriamente. O ausente da história, citando Certeau.

Questões para a prova:

Comente, a partir de, pelo menos, dois textos lidos nessa última unidade do curso, um dos seguintes temas:

- A. Como os textos escolhidos para o seu comentário relacionam passado e presente na leitura da história do Brasil?
- B. Qual o papel, o significado, da natureza na construção da sociedade brasileira?

Data de entrega: 20/02